

Director, editor e proprietário
Antonino Dias Pinto de Castro

Redacção e Administração:
Rua da Rainha, 56-A
Telef. 4515

Notícias de Guimarães

FUNDADO EM 1932

Composição e impressão
TIP. IDEAL
Telef. 4581
—
VISADO PELA CENSURA
— AVENÇA —

MENSAGEM DO POVO DE GUIMARÃES

(BERÇO DA ALIANÇA ANGLO-PORTUGUESA)

A Sua Majestade Graciosa a Rainha Isabel II



Sua Majestade a Rainha Isabel II

Já se encontra entre nós desde o dia de ontem, embora extra-oficialmente, Sua Majestade Britânica a Rainha Isabel II e que a partir de amanhã iniciará oficialmente a sua visita ao nosso País.

O facto é sumamente importante, quer no seu momento político externo actual, quer pelo seu significado de uma longa, tradicional e iniludível aliança que a partir do século XIV vem estreitando cada vez mais os laços de amizade que une os dois povos atlânticos.

Não há dúvida nenhuma que Portugal assinala uma vez mais as folhas doiradas da sua história gloriosa com o novo acontecimento que é simultaneamente a afirmação do seu prestígio perante os povos civilizados e a sua aberta confiança de povo livre frente aos seus destinos imortais.

Está ainda na memória de muitos a lhanza com que há perto de 54 anos — em 2 de Abril de 1903 — foi recebido no Cais das Colunas, em Lisboa, o bisavô da actual Rainha de Inglaterra e o calor do régio abraço de dois grandes Reis: D. Carlos I de Portugal e Eduardo VII da Grã-Bretanha, símbolo de duas Pátrias grandes!

HOMENAGEM

God save the Queen!

Da verdade consciente
Daquela áureo diadema
Que lhe brilha no semblante,
O seu olhar refulgente,
Numa miragem serena,
Presente um mundo distante...

A majestade e o poder
Dessa austera realza
Que se reflecte na História...
Num repúdio a valer,
Contra a onda de fereza...
Serão penhor de vitória.

Aliança secular
Que é lustre do Velho Mundo,
De glórias quase lendárias...
Nesta aura protocolar,
Vivem júbilo profundo
DUAS PÁTRIAS MILENÁRIAS!

Fev.º de 1957

CASSANDRO.



(Pelo DR. AURÉLIO FERNANDO)

Seria supérfluo estar a enumerar um por um os acontecimentos de vulto, quer de ordem económica, quer de ordem política ou externa, que através dos tempos resultaram deste invulgar entendimento mútuo entre Portugal e a Grã-Bretanha, dois dos mais velhos aliados do mundo. Nesta maré-alta ou frenesim Luso-Britânico do momento, não faltará certamente quem através da rádio, da imprensa e da televisão os venha justamente tornar patentes.

Para o que necessariamente convém chamar a atenção é para a retroversão de todos esses acontecimentos, em ordem a um outro facto decisivo no idêntico destino e relações de amizade dos dois grandes povos.

Ora um facto marcante na vida e na história de Portugal e da Inglaterra foi sem dúvida nenhuma a Aliança que no ano de 1372 se efectuou entre D. Fernando de Portugal e os embaixadores do Duque de Lencastre que por lamentável erro do cronista Fernão Lopes, até ao ano de 1949 foi conhecida pelo *Tratado de Braga*. Mas já veremos adiante como em verdade tal denominação era falsa.

Os acontecimentos imediatos que antecederam esta primeira Aliança entre Portugal e a Grã-Bretanha (cujo local e denominação verdadeiros prefiro deixar mais para diante) são já do domínio da história e assaz conhecidos; no entanto, dada a sua capital importância e mesmo porque fundamentalmente toda a minha *Mensagem* gravita à sua volta, passo a dar resumida notícia.

— Corriam em Castela acérrimas lutas entre Pedro o Cruel e seu irmão bastardo Henrique de Trastámara. O primeiro, auxiliado pelo Príncipe Negro, filho de Eduardo III de Inglaterra, o segundo pelo Condestável Duguesclin. Por razões políticas, D. Fernando de Portugal provoca o irmão bastardo, que logo atravessando o Minho põe cerco a Braga e a Guimarães, encontrando no entanto tenaz resistência da parte dos vimaranenses e pelo que se retirou, vencido, apesar dos baldados esforços de vingança da parte do Condestável Duguesclin.

Castela era então adversário perigoso para qualquer das duas potências: Portugal e Inglaterra. Portugal teria de fazer frente à tendência de nucleação dos povos ibéricos alreitor de Castela, para manter a sua independência que apesar de tudo tanto lhe custaria a assegurar ulteriormente. A Inglaterra, por sua vez, via a possível agressão da parte daquela à sua soberania, e de certa maneira comprometida a pretensão do Duque de Lencastre ao Trono de Castela, a que ele se julgava com direito por força do seu casamento com D. Constança, filha de D. Pedro.

Dois nações recosas do mesmo adversário. Que fazer, então? — O mais lógico em tão grave situação.

D. Fernando de Portugal e o Duque de Lencastre, apoiados na ética dos Estados que se protegem mutuamente quando um terceiro os ofende, negociaram uma Aliança — «firmaram suas avenças» — no dizer de Fernão Lopes, onde ficariam assim mais defendidas contra os desejos absorcionistas de Castela a independência e soberania de Portugal e de Inglaterra, inabalavelmente ligados, «como fiéis e verdadeiros amigos» seriam «perpétuamente amigos de seus amigos e inimigos de seus inimigos, mantendo-se e sustentando-se reciprocamente, por terra e por mar, contra todos e quaisquer homens de qualquer dignidade...».

Era o dia 10 de Julho de 1372 (vão lá quase seis séculos!) quando esta aliança fora assinada. Pois bem; nem o tempo, nem a heterogeneidade de caracteres demoveram até hoje o critério governamental de qualquer uma das partes. E quando muito pouco tempo depois deste *Tratado*, se resolvia o casamento da filha do Duque de Lencastre — D. Filipa de Lencastre — com o nosso Rei de Boa Memória, era por força dessa aliança e com o fim de a intensificar mais ainda, que Portugal recebe em seus muros tão excelsa Rainha — a Mãe que armou seus filhos cavaleiros — Inélita Geração! a quem o Mundo tanto deve, especialmente na pessoa do Alto Infante D. Henrique. Por isso e de certo modo tivera aquela aliança também as suas repercussões mundiais.

Quando a Inglaterra andava envolvida na guerra dos Cem Anos, por força desta aliança, portugueses e ingleses, defendendo o Papa de Roma, alinharam lado a lado contra as hostes castelhanas e francesas que defendiam o de Avinhão. E a cada novo triunfo, a primeira aliança luso-britânica ganhava mais vigor, mais energia e firmeza.

Quando da Aventura Napoleónica de 1807 a 1813 as tropas francesas invadem o nosso País e a Corte de Portugal é provisoriamente transferida para o Brasil, foi ainda por um mútuo interesse para os dois povos atlânticos e por força da Velha Aliança que Roliça, Vimeiro, Buçaco e Torres Vedras marcaram sulcos de estrelas na História das duas Pátrias Amigas.

Mas agora reparo que já chegamos ao ano de 1813! e nesta preocupação de demonstrar com factos a «perpétua e inabalável» Aliança ficou tanto por assinalar! Não importa; alguém o fará em meu lugar. E agora se mo permitem



Presidente da República Portuguesa

volvemos ao Cais das Colunas — estamos no ano de 1903 — intrometidos no meio do povo jubiloso e folgazão, levantando vivas a Portugal e a Inglaterra — o Tejo nimbado de mil luzes, estrebando foguetes, caindo flores: Eduardo VII de Inglaterra abraça a D. Carlos I de Portugal! — Aliança perpétua! inabalável! E ela continua, continuará sempre enquanto as duas Nações Amigas pensarem no paralelismo dos seus imortais e idênticos destinos!

* * *

Ah! mas eu não disse tudo ainda; e agora é que tenho a impressão de começar a minha *Mensagem*.

Mensagem que não é minha afinal. Verdadeiramente ela condensa o júbilo e a ufania da briosa população vimaranense — o Burgo da fundação nacional — que cheira a sangue suavo, pródromo antiquíssimo do Ocidente e Altar da Pátria!

Senhora! pela Graça de Deus, Rainha do Reino Unido da Grã-Bretanha e da Irlanda do Norte e dos outros Reinos

(Continua na 3.ª página)

SAUDAÇÃO

VISITA oficialmente o nosso País, no próximo dia 18, Sua Majestade a Rainha de Inglaterra e seu marido o Duque de Edimburgo.

Honrosa visita é essa e, por isso mesmo, Portugal vai recebê-la festivamente, com as melhores galas e os melhores sentimentos de hospitalidade inerentes a tão alta como distinta personalidade régia.

Portugal e a Inglaterra, mercê dum tratado de aliança multissecular, conhecem-se e estimam-se há muito. Não poucas vezes, na História, portugueses e ingleses se encontraram lado a lado, lutando e morrendo por causas nobres.

A nós, vimaranenses, sensibiliza-nos, dum modo especial, esta visita, por ter sido assinado, no nosso concelho, a poucos quilómetros da nossa cidade, na Igreja de Tagilde, a 10 de Julho de 1372, o primeiro Tratado de Aliança Anglo-Português.

Alli se encontra esculpida, em padrão memorável, esta histórica data, início de relações diplomáticas e de amizade que perduram há séculos, com benefício para os dois povos e para a própria Humanidade.

Como Presidente do Município Vimaranesense, associo-me ao júbilo com que a Nação vai receber a Ilustre Soberana e seu marido e, em nome do concelho, saúdo os Ilustres visitantes, fazendo votos das maiores prosperidades para os dois povos amigos: Portugal e Inglaterra.

O Presidente da Câmara,

José Maria Pereira de Castro Ferreira.

EM DEFESA DO REGIONALISMO E DAS CASAS REGIONAIS

Consagrou o *Diário de Notícias* um dos seus últimos artigos de fundo, intitulado «Regionalismo e Casas Regionais», a importância do movimento regionalista e ao valor das instituições por que na capital ele se acha representado. A doutrina desse artigo não pode deixar de receber a nossa inteira concordância e a intenção que moveu o grande órgão da imprensa lisboeta a proclamá-la é de molde a que a coadjuvemos com o mais franco dos nossos aplausos.

«Desde há muito — escreve-se nesse editorial — que nos meios regionalistas de Lisboa se discute com certa amargura o facto de os poderes públicos não dispensarem às instituições que os representam a atenção de que esses meios, secundados por idêntico sentimento das suas regiões, as consideram merecedoras».

«Resolução recente — explica — tomada dentro de um critério legalista, embora sem carácter definitivo, segundo parece, dada a matéria interpretativa do texto em que assenta, veio pelo menos ameaçar determinadas relações até aqui existentes, e sempre com sanção também superior, entre esses organismos regionalistas e as respectivas autarquias locais».

«Mais cerceadas as casas regionais — prossegue o artigo — não apenas na esfera de acção que lhes é inerente, mas até nas suas possibilidades de vida, julgamos oportuno e indicado ocuparmo-nos hoje e neste lugar do nosso jornal, das funções que a essas colectividades incumbem e dos problemas que lhes respeitam».

«Havemos de começar por reconhecer — diz — que o regionalismo, como movimento estimulador de sentimentos de apego e devoção à terra natal e como acção coesiva de energias susceptíveis de se colocarem, em pura abnegação, ao serviço dos mais legítimos interesses e anseios locais, constitui, e muito especialmente numa época de feição perigosamente materialista, dispersiva e utilitária, uma força poderosa, que tudo aconselha a que seja acarinhada e aproveitada».

F. feita a seguir, numa eloquente síntese, a evocação de actividades exercidas por organismos apontados como exemplo, tais como a Casa de Trás-os-Montes e Alto-Douro, a Casa das Beiras, a Casa do Alentejo, a Casa do Algarve, a Casa do Ribatejo, a Casa do Minho: congressos regionais, ligação com a colónia portuguesa do Brasil, divulgação da etnografia e do folclore, propaganda turística, manifestações de alto nível cultural, campanhas para a expansão do consumo de produtos de diversas regiões, como o dos vinhos verdes, etc.

Cita ainda, como acção meritória de todas as colectividades regionalistas de Lisboa, as conferências sobre temas económicos e turísticos, os serões artísticos e literários, os actos de assistência e beneficência, os serviços médico-sociais, a propaganda do artesanato, as excursões, as diligências junto das câmaras municipais e a cooperação a estas prestada, as sugestões e os apelos movidos junto dos gabinetes ministeriais, as intervenções em repartições públicas — tudo quanto engloba uma acção só animada pela vontade de ser útil, iluminada apenas por um pensamento de solidariedade regional, um sentimento de coadjuvação humana, já que se trata de instituições, e nunca será de mais acentuá-lo e louvá-lo,

que nada pedem para elas, nem para os seus sócios e dirigentes».

E o *Diário de Notícias* conclui, em termos a que, com igual convicção, nos associamos, tornando-o também o pensamento e os votos do nosso jornal:

«Quer-nos, pois, parecer indiscutível serem as casas regionais preciosos órgãos de colaboração que as câmaras municipais não deverão abandonar e perder na capital e cuja vida e acção, repetimo-lo, ao Estado só convirá auxiliar e favorecer. Elas demonstram-se em Lisboa como que abnegados e solícitos entrepostos de todos os pequenos e grandes interesses e valores locais. São um último e lídimo baluarte do regionalismo e da sua força de coesão nacional. Defender-lhes a existência e estimular-lhes a missão, em época como a que se atravessa, julgamos ser obra de que os poderes públicos não devem desviar os olhos».

LINHO

POR AURORA JARDIM.

Nasce na terra e sobe até Deus no altar divino em que Ele se adora.

Alvo e puro, figura em toda a hora. Do nascimento ao casamento em bragal de noivado. Vai pela vida fora até ao momento final de envolver o corpo amortalhado.

Flor do linho da cor dos olhos do meu amor! Onde foste buscar esse palor azul e mar ó flor do linho?

Mulher velhinha, cabelo de neve, rola a roca na sua mão. Tear ligeiro, cantando sempre, não pára nunca de tecer prata. Agulha fina com linha breve borda perfeito: um coração.

Moira encantada na «pedra formosa»; de S. Romão até S. Estêvão fiaste sem parar enquanto teus pés mal pousavam no chão. Serás toada, verdade ou lenda, moira encantada? ...

Flor do linho da cor dos olhos do meu amor! Onde foste buscar esse palor azul e mar ó flor do linho?

Linho querido das nossas avós. Linho benvindo para as nossas mães. Linho, tão português, aqui nascido: — em Guimarães!

BILHETES DE PARIS

HÉLÈNE DE FRANCE

Ao primo Coronel, uma das mais lindas prosas que Guimarães já deu.

Artigo de NOVAIS TEIXEIRA.

Casou há dias a filha mais velha do Conde de Paris com o Conde Evrard de Limbourg-Stirum, da aristocracia belga. O acontecimento trouxe à capital francesa tudo quanto havia de sangue real, em primeira e segunda mão, exilado ou não exilado, por essa Europa fora.

Hélène-Astrid de Orleans chama-se essa Princesa de França. É filha de Astrid e Leopoldo, antigos reis da Bélgica, e pertence à Casa dos Orleans. Tem, portanto, estreito parentesco com a penúltima Rainha de Portugal.

E o retrato do Pai. Herdou do Pai a cara e parece que também esse *fair play* leal e nobre tão do agrado desta colectividade de republicanos que é, como se sabe, a comunidade francesa.

Pretendente ao trono da França, o Conde, inteligente e cordial, cultiva um simpático paradoxo: tem por ponto de honra a defesa da República. Mas não da República acirradamente formal, dessa de bofes na boca, dos muitos «RR» e dos muitos «Vivas», que, em geral, a votam à perdição, mas da República na sua essência e consistência, isto é, a dos Direitos do Homem e suas Liberdades fundamentais. O Conde de Paris é contra os liberticidas! É um Pretendente ao trono carregado dos princípios da Enciclopédia. Fá-los partir da Grécia, mesmo antes de Cristo. Fala-lhe mais à consciência a vontade do seu povo que a voz dos seus Maiores. E, enfim, um democrata puro! Entende que o hábito não faz o monge e acode frequentemente às urnas para dar o seu voto de francês aos candidatos republicanos de suas preferências.

Fala-se de crise da inteligência política neste país, no declínio do seu bom senso tradicional. Mas fala-se de ânimo leve. Esquece-se um dos franceses mais representativos, que é, precisamente, este Conde de Paris, cuja nota de equilíbrio, de bom tom e bom juízo é, muitas vezes, a característica nas suas declarações à Imprensa. O Conde, cavalheiro e homem leal, não desdenha a opinião pública do seu país. É assim que os reis se mostram bons republicanos! Com efeito, entre a confusão dos políticos profissionais, de seus particularismos de Partido e pequeninas paixões, ouve-se, de vez em quando, a voz judiciosa e clarividente deste homem, que não é um político de profissão, mas que nasceu para ser político. Rivaliza, no Conde de Paris, o sangue da realeza com a fibra de um bom político.

Foi tutor dos filhos do sultão de Marrocos quando o Pai, desterrado em Madagascar, os mandou estudar à França num colégio de jesuítas. O «chauvinismo» francês exacerbado saciava-se então na pessoa de Maomé V. Mas o Conde não é um «chauvin»; é o contrário disso — é um patriota. E foi ele ainda um dos que deu a «acolade» ao judeu Mendes-France, esse bom francês repudiado por muito bom cristão que um dia se lembrou de dar à IV República o mais eficaz dos seus Governos. Sua Majestade Fidelíssima, Majestade da França, Filha dilecta da Igreja, coloca-se fraternalmente entre mouros e judeus. Nunca cometeu o abuso de acorrentar Cristo a nenhuma facção política nem o pecado

mortal de converter a Virgem em bandeira de beligerantes. Bem haja!

A Filha segue-lhe os passos. Dizem os cronistas mundanos que a Princesa Hélène é pianista exímia e boa entendedora de coisas de Arte. Que é também muito «coquette». Cabe o de «coquette» à sua condição de mulher; o de conhecedora de coisas de Arte à sua condição de Filha de Reis. Já se sabe, como Fernando VII da Espanha ganhava as partidas de bilhar. Os cortesãos punham-lhe as bolas a jeito. De aí ficou aquele dito espanhol sobre os triunfos fáceis e preparados de antemão: *Así se las ponían a Fernando VII...* Os cronistas mundanos têm os seus «clichés» estereotipados. Todas as Princesas são exímias cultivadoras de não importa o quê! Mas não é por aí que Hélène-Astrid vai na pegada do Pai. Os caminhos são outros. São exactamente os do «fair play».

Perguntaram um dia a essa descendente directa do Rei guilhotinado pela Convenção:

— Qual o período da História da França que Sua Alteza prefere?

— O da Revolução, — respondeu a Princesa.

Para Hélène de France o sangue da Família não corre por cima da vontade do povo francês. É, como o Pai, — uma boa republicana!

CARTA A UMA SENHORA

Minha Senhora:

Quando se lança a semente à terra e ela germina para produzir bom fruto, aproveita-se o tempo e multiplica-se o resultado. Por que assim é, não posso deixar de manifestar a minha satisfação por ter sido informado de que o Senhor Presidente da Câmara dispensou o melhor acolhimento às minhas recentes considerações acerca da conveniência e até necessidade de se promover a criação de um Albergue, nesta cidade, destinado aos fins que a própria Lei determina e quanto à repressão à mendicância. Pretende o Senhor Presidente colaborar interinamente na efectivação dessa iniciativa, estando apenas em causa encontrar-se o local para a respectiva instalação, pois não se trata apenas de um simples prédio, mas também de algum terreno anexo ao mesmo onde os albergados, em condições de o fazerem, prestem os seus serviços, visto que, não sendo assim, seria criar um ambiente de ociosidade para aqueles a quem o trabalho deve ser aconselhado, com humanidade, é claro. Congratulo-me, pois, com a atitude do Senhor Presidente da Câmara, embora esse facto não me tenha surpreendido, uma vez que Sua Ex.^a, além de ter a honra de ser vimezanense, procura, dentro das funções em que se encontra investido, conseguir para a sua terra o que ela merece, quer reflectindo no passado, quer apontando o presente.

Está, portanto, lançada a ideia do Albergue e para já torna-se necessário fazê-la vingar com a boa vontade do Senhor Presidente, que, com certeza, aceitará e até agradecerá sugestões quanto ao local. E quem se negará a colaborar com Sua Ex.^a nesse sentido? Suponho que todo

FALTA DE ESPAÇO VITAL

O Museu Regional de Alberto Sampaio, à hora da sua organização, limitava-se ao *Tesouro de Nossa Senhora da Oliveira*.

Tudo quanto este escrínio sacro guardava, era restrito à arte religiosa. Se alguma peça ali se via que excedesse a arte religiosa — como o Pelote de D. João I — ainda era sob o signo devoto que se acomodava no *Tesouro*, aureolando o nome da Padroeira de Guimarães.

Dado, porém, o impulso criador que presidiu à fundação do Museu, logo se foram alargando as suas secções, deste modo se substituindo a característica privativa pela generalização, em concordância com o seu próprio título de Museu Regional.

Instalado na galeria claustral e salas anexas da igreja-Colegiada, este espaço, de ambiente religioso, justificava-se plenamente para a exposição do *Tesouro de Nossa Senhora da Oliveira*. Breve, porém, se começou de tornar demasiado pequeno para nele se expor convenientemente todo um conjunto de peças, algumas adquiridas com tanta perseverança e entusiasmo pelo fundador do Museu.

Criadas as secções de arqueologia, mobiliária, cerâmica, brasonaria, armaria, talha, escultura, pintura, sem restrições de arte religiosa ou profana, logo a instalação primitiva se tornou insuficiente. Daí o aconselhar-se a mudança para lugar mais susceptível de dar ao Museu uma instalação condigna.

Atraído a este cuidado o espírito do fundador, acertadamente pensou em que seria possível levar o Museu Regional de Alberto Sampaio para os Paços dos Duques de Bragança, logo que o seu restauro terminasse. A sua ideia, porém, não colheu êxito nas instâncias superiores.

Entretanto, não se deixou de propugnar pelo aumento e valorização do Museu, neste sentido colaborando a Câmara Municipal com os esforços do seu Director. Por sua vez alguns particulares legavam ao Museu recheios apreciáveis, para a instalação dos quais se requeriam salas privadas, onde o exemplo cívico dos beneméritos dadores se pusesse em destaque.

Estão neste caso a armaria da Casa Pindela e, ultimamente, o espólio artístico de D. Maria de Santiago Carvalho.

Assim, pois, mais avultou a impossibilidade em dar às instalações do Museu Regional de Alberto Sampaio as condições requeridas pela arte de bem expor, conforme o estabelecem regras fundamentais da museologia moderna.

A Sr.^a Dr.^a Maria Emília Amaral Teixeira, actual Directora do Museu, pela sua superior competência, é a primeira a reconhecer que ao nosso Museu faltam condições de espaço para bem se fazer nele uma didáctica instalação e acondicionar melhor quanto ali existe, fora de lugar próprio, em meras condições de arrumação provisória.

E evidente que esta situação requer providências. Não as promover, é cair na vergonha de patentarmos aos olhos dos homens cultos a nossa incapacidade para este alto papel civilizador — de possuir e administrar, com eficiência, um Museu Regional.

A ideia expandida pela Senhora Directora do Museu, para se aguardar oportunidade em aproveitar a *Casa do Cabido*, actualmente ao serviço da Caixa Geral dos Depósitos, para nela se acomodarem secções do Museu, é um triste remédio!

Já em 1921, quando ainda não existia o Museu, a ideia de aproveitar a *Casa do Cabido* para a sua instalação, teve de minha parte um ardoroso defensor. Venceu, então, no rijo pleito travado, a Caixa Geral dos Depósitos. Agora, nas actuais circunstâncias, dada a notável expansão que tomou o Museu Regional de Alberto Sampaio, outro deve ser o ponto de vista a alcançar.

Considero pouco de aplaudir tudo quanto não traga uma definitiva e ampla instalação ao referido Museu. O regime dos expedientes provisórios e ocasionais, não convém para o caso.

Demais que a *Casa do Cabido* só ao cabo de dois anos, possivelmente, estará devoluta. Nessa altura, outras perspectivas, quer crer, se abrirão em bem melhores condições para serem utilizadas pelo Museu.

Seja, entretanto, a instalação definitiva do Museu Alberto Sampaio posta nas preocupações dos governantes locais.

Ele merece as simpatias, os cuidados, os desvelos de todos os vimezanenses.

A. L. DE CARVALHO.

Nota — O artigo da última semana dizia que Mumadona se amortilhara com o hábito franciscano. Por inadvertência caiu-se num erro histórico. Convém esclarecer:

Mumadona, fundara entre nós um convento duplex, sujeito à Ordem de S. Bento, no século X. O franciscanismo pertence ao século XIII. — C.

Fevereiro de 1957.

De V. Ex.^a Crd.^o V. e Obj.^o

X.

Mensagem do Povo de Guimarães

(Continuação da 1.ª página)

e Territórios, Chefe da Comunidade, Defensora da Fé! Guimarães não é somente o berço desta Pátria Gigantesca que ora Vos acolheu num gesto de antiga fidalguia; nem somente a Vila onde Mumadona deitou os alicerces do futuro Burgo; a Corte do Primeiro Rei.

Guimarães, segundo Carolina Michaëlis, foi o primeiro centro da arte nacional, e o centro vital da elaboração poética no dizer de Teófilo Braga; e disto nos ufanamos nós, os vimeiranos!

Guimarães não é, apenas, a cidade da famosa Colegiada donde saiu Pedro Hispano que mais tarde subiu até à Sé de Roma sob a denominação de Papa João XXI; nem foi apenas a terra dos grandes santos como S. Dâmaso e S. Gualter; pois que Guimarães, se a projectamos pela pré-história, através da majestade megalítica da Penha e dos seus castros, Guimarães, no dizer do Sr. Dr. Sérgio Pinto, conquistou para si os louros da individualidade etnológica do Ocidente, com os seus monumentos e achados das diversas idades da pedra, do bronze e do ferro que segundo o mesmo autor «proclamam a pujança do círculo cultural da civilização megalítica que irradiou desde o ocidente ibérico até às Ilhas Britânicas» de que tão graciosamente sois Rainha!

E foi desde este momento pré-histórico, momento providencial para a vida das duas Pátrias, que os nossos destinos se haviam de cruzar no mesmo sentido de imortalidade!

Estas relações tão longevas que apenas conhecemos por conclusões certíssimas dos factos históricos e achados arqueológicos, logo derivaram para o aparecimento duma raça magnífica — os Oestrymii — nome por que foi conhecida a primeira comunidade luso-britânica e de quem Aveno assim cantou:

Vive por aqui um povo numeroso
De altivo ânimo e engenho eficiente;
Ocupa toda esta gente constante negociar
Ao longe os mares perturbam em múltiples batéis
E o pélagos sulcam, povoado de monstros.

(Dr. Francisco José Veloso, cit. Rev. Bracara Augusta, vol. IV, 1953).

Mas Guimarães, Senhora, enquadrada na vossa visita a Portugal como resultado duma antiga Aliança que perdurará através dos séculos, é acima de tudo o berço jubilo dessa Aliança, assinada, não em «acercas de Braga», como elaborava em erro o cronista Fernão Lopes, mas sim, orgulho do nosso bairrismo excelso — na pequenina e pitoresca freguesia de Tagilde, deste concelho, aqui a dois passos da cidade.

Sim, Graciosa Majestade! Isto é que o povo vimeirano queria lembrar-vos hoje, neste momento inesquecível para Portugal e Inglaterra pela vossa real visita, e testemunhar-vos o mesmo entusiasmo e a mesma fidalguia com que há 585 anos os vossos e os nossos maiores assinaram aqui, no Berço da Grei Portuguesa e depois em Londres, nos Paços de Sabóia, a Aliança perene e insofismável que é afinal de contas a maior razão por que agora viestes até nós, numa afirmação de actualidade de longevos compromissos.

Nós não sabíamos de tão alta honra. Levados pelo que julgávamos como verdadeiro da afirmação de Fernão Lopes, chamávamos-lhe erradamente *Tratado de Braga*; mas foi com gaudío nosso, e honra para ele, que um mesmo filho daquela cidade, o Sr. Dr. Sérgio da Silva Pinto nos trouxe em 1949 a grande nova; e desde então assim ficou conhecido tal tratado — o *Tratado de Tagilde*, feito entre D. Fernando de Portugal e os embaixadores do Duque de Lencastre no dia 10 de Julho do ano de 1372 e por força do qual vos dirigimos, Real Majestade, toda a *Mensagem* de hoje.

Nós bem sabemos, Senhora, que o tempo não vos permite visitar mais nenhuma capital do que Lisboa — capital do Império, e a cidade do Porto — capital do trabalho. Mas em realidade a verdadeira Capital que foi a primeira Capital da Nação e da Primeira Aliança com o vosso Grande Reino foi Guimarães, e nós não podemos deixar de pensar que também e por isso mesmo, estareis em espírito aqui presente.

Não podeis vir a Tagilde, Senhora?!
Pois bem; que vá Tagilde até vós, no perfume das suas vinhas que o vento levará até às velas do vosso batel real, na canção de algum passarinho que Deus encarregue de fazer chegar até ao parque que leva o nome de vosso bisavô, ou na harmonia singelíssima dos sinos da torre da sua igreja humilde junto da qual um obelisco se levanta, comemorativo, com as armas do tempo de D. Fernando de Portugal e do Duque de Lencastre, projectando na perenidade da pedra a perenidade histórica das nossas raças sempre unidas, com os seguintes dizeres:

«Nesta freguesia foi celebrado,
aos 10 de Julho de 1372, o Primeiro Tratado
de Aliança. Anglo-Português.»

God save the Queen! Viva Portugal!

Canetas de Tinta permanente

COMPLETO SORTIDO DE TODAS AS MARCAS
E PARA TODOS OS PREÇOS

Vendas a pronto e a prestações com bônus

Casa das Novidades

Rua da Rainha Telef. 4350 GUIMARÃES

Ministério da Economia

Direcção Geral dos Combustíveis

EDITAL

Artur Mesquita, engenheiro-chefe da Delegação do Porto da Direcção-Geral dos Combustíveis:

Faz saber que: — António J. P. de Lima, F.^{os} & C.^a, Ltd.^a requereu licença para instalar um armazém de combustíveis sólidos, indústria incluída na 3.ª classe, com os inconvenientes de poeiras e perigo de incêndio, sito na Rua da Caldeira, freguesia de Urgeses, concelho de Guimarães, distrito de Braga.

Nos termos do Regulamento das Indústrias Insalubres, Incómodas, Perigosas ou Tóxicas, e dentro do prazo de 30 dias, contados da data da publicação deste edital, podem todas as pessoas interessadas apresentar reclamações, por escrito, contra a concessão da licença requerida e examinar o respectivo processo nesta Delegação, sita na Rua do Padre Cruz, n.º 62, no Porto.

Porto, 7 de Novembro de 1956.

O Engenheiro-Chefe da Delegação,
Artur Mesquita.

CASA DO MINHO

A Direcção da Casa do Minho, na sua última reunião, resolveu convocar os sócios para, no próximo dia 14, pelas 21 horas e meia, se reunirem na sua sede, na Rua Vitor Cordon, n.º 14-2.º, a fim de se trocarem impressões sobre os problemas que afectam a vida associativa desta Casa Regional.

Esta reunião visa a estabelecer um plano de realizações durante o ano que decorre, tendo ainda em vista imprimir uma nova orientação no sentido de se concretizarem os meios que se julguem necessários à normalização da sua vida financeira.

Esta reunião está a despertar grande interesse, não só entre os sócios daquela colectividade, mas ainda entre a numerosa colónia minhota da capital.

Ministério da Economia

Direcção Geral dos Combustíveis

EDITAL

Artur Mesquita, engenheiro-chefe da Delegação do Porto da Direcção-Geral dos Combustíveis:

Faz saber que: — a Mobil Oil Portuguesa — S. A. R. L. requereu licença para instalar um depósito subterrâneo para gasolina, com cerca de 9.860 litros de capacidade e respectiva bomba auto-mediadora, incluído na 2.ª classe com os inconvenientes de perigo de incêndio, sito na Avenida Conde Margaride, freguesia de Creixomil, concelho de Guimarães, distrito de Braga.

Nos termos do Regulamento das Indústrias Insalubres, Incómodas, Perigosas ou Tóxicas e dentro do prazo de 30 dias a contar da data da publicação deste edital, podem as pessoas interessadas apresentar reclamações por escrito contra a concessão da licença requerida e examinar o respectivo processo nesta Delegação, Rua do Padre Cruz, n.º 62, no Porto.

Porto, 31 de Outubro de 1956.

O Engenheiro-Chefe da Delegação,
Artur Mesquita.

ROTARY CLUBE DE GUIMARÃES

PRESTOU HOMENAGEM A

INGLATERRA

A última reunião do Rotary Clube de Guimarães foi dedicada à Inglaterra, por aproximarem-se a data da sua Soberana ao nosso País e dada a circunstância de ter sido firmada em Guimarães, na sua freguesia de Tagilde, no ano de 1372 a 1.ª aliança Anglo-Portuguesa.

Aquela reunião presidiu o Sr. Albano M. Coelho de Lima, assistindo também diversos companheiros de Braga.

A saudação à Bandeira Nacional foi feita pelo Sr. António Gomes Gonzalez, presidente do Clube de Braga, e a saudação à Bandeira Inglesa, pelo Sr. Dr. Avelino Silva, do mesmo Clube.

Depois de o presidente haver saudado os companheiros visitantes e feito uma referência ao significado da reunião, procedeu-se à leitura do expediente.

Trocaram-se impressões sobre diversos assuntos e foi nomeado o Sr. Antonino Dias Pinto de Castro delegado do Clube à próxima Conferência do Distrito.

O Sr. António Gomes Gonzalez transmitiu as saudações dos companheiros do seu clube.

Seguidamente o Sr. Engenheiro Helder Rocha proferiu a palestra regulamentar, que subordinou ao tema: *Saudemos os Companheiros Ingleses*. Referiu-se no seu interessantíssimo trabalho ao facto do Primeiro Tratado de Aliança Anglo-Português ter sido firmado em terra vimeirana e à circunstância de o Duque de Edimburgo ser membro de um Clube Rotário da Inglaterra, facto que muito honra todos os rotários.

E terminou deste modo a sua palestra: «Nesta hora em que o nosso País veste as suas melhores galas para receber Isabel II de Inglaterra, parece-me que vendo unidas as bandeiras gloriosas dos dois países, Portugal e Grã-Bretanha, simbolizando a amizade que os une, deve ainda ser evocada, além do momento, por si fundamental, de Tagilde, aquela reunião de D. João I com Dona Filipa de Lencastre, que permitiu a existência da inclita geração de Príncipes e Guerreiros, de Heróis e de Santos — donde se destaca a figura excepcional do Infante D. Henrique, o Homem que, no Promontório de Sagres, estudando as cartas ainda rudimentares dos mares e das terras, iniciou a «Era dos Descobrimientos», que deu, como canta o Poeta, «Novos Mundos ao Mundo».

Procedeu-se ainda à habitual *quete* após o que o presidente, felicitando o palestrante e agradecendo a visita amiga dos companheiros de Braga, encerrou a reunião.

Ministério da Economia

Direcção Geral dos Combustíveis

EDITAL

Artur Mesquita, engenheiro-chefe da Delegação do Porto da Direcção-Geral dos Combustíveis:

Faz saber que: — a Sociedade Nacional de Petróleos (SONAP) pretende obter licença para uma instalação de armazenagem de gasolina e gasóleo, com a capacidade aproximada de 11.900 litros, sita na Rua Dr. José Sampaio, no interior da garagem da firma João Ferreira das Neves & Filhos, freguesia de S. Sebastião, concelho de Guimarães, distrito de Braga.

E como a referida instalação se acha abrangida pelas disposições do decreto n.º 29.034, de 1-10-1938, que regulamenta a importação,

A ASSOCIAÇÃO ARTÍSTICA

Festejou o seu 88.º aniversário

A Associação de Socorros Mútuos Artística Vimeirana festejou com muita solenidade no pretérito domingo e na forma dos anos anteriores o seu 88.º Aniversário, tendo-se efectuado, após a missa que foi rezada às 10 horas no templo de S. Pedro, pelos sócios falecidos, uma brilhante sessão solene a que presidiu o ilustre Delegado do I. N. T. Sr. Dr. Valentim de Almeida e Sousa, que se via rodeado, na mesa de honra, pelos Senhores: Dr. J. Catanas Diogo, representante do Presidente da Câmara Municipal; Dr. Joaquim de Oliveira Torres, representante do Reitor do Liceu; António Emílio da Costa Ribeiro, Presidente do Grémio do Comércio; Dr. Miguel Antas de Barros, Conservador do Registo Predial; João A. da Silva Guimarães, representante da Mesa da Misericórdia; Henrique Correia Gomes, Adjunto do Comando dos Bombeiros Voluntários; Joaquim Garcia, Presidente da Associação Fúnebre Vimeirana;

ainda hoje, o mundo está em luta com Cristo, obstando-se uns na sua cegueira, outros na sua irreduzível vontade, tantos na abominação.

E mais além, depois de aludir às provas da Divindade de Jesus, afirmou: «Parece poder-se dizer que, se a treva e o rancor se acastelam na cabeça orgulhosa dos incrédulos, é porque os cega tanta luz».

Entrando depois no estudo das «Encruzilhadas do Mundo» definiu-as desta forma: «São os momentos mais culminantes do ataque à Igreja de Cristo».

E entrou na apreciação da Revolução Francesa, cujos efeitos ainda hoje se reflectem na vida do Mundo. Mostrou com suficiência de provas que ela era, sobretudo, obra da incredulidade e da filosofia voltairiana.

Sintetizou essa tragédia nestas palavras: «Destronar Deus... e pôr em seu lugar a Razão... com todos os seus vícios... com todas as suas



Um aspecto da sessão solene vendo-se o nosso querido Colaborador e Amigo Rev. Padre Manuel Matos, no uso da palavra

João Xavier de Carvalho e Eduardo de Oliveira Machado, Presidente da Assembleia Geral e da Direcção respectivamente da Associação Artística.

O Sr. Eduardo de Oliveira Machado depois de apresentar cumprimentos ao Delegado do I. N. T. e às restantes individualidades, referiu-se àquela festa aniversária e teve palavras de merecido apreço para os benfeitores da Associação, citando, a propósito, os nomes dos Srs. Comendador Alberto Pimenta Machado, António José Pereira Rodrigues e José Torcato Ribeiro Júnior. Depois salientou os serviços prestados àquela Instituição pelo antigo presidente Sr. João Xavier de Carvalho e convidou uma sua filha a descerrar o seu retrato, como preito de reconhecimento, o que se fez por entre aplausos.

Por último o presidente da Associação saudou o orador oficial Senhor Padre Manuel de Matos, que seguidamente proferiu uma brilhante conferência que subordinou ao tema: *Cristo e as Encruzilhadas do Mundo*.

Principiou assim: «Mais de 19 séculos de luta sangrenta têm rolado sobre Cristo e nada conseguiu abafar os ecos dos Hossanas triunfais proferidos em coro pelo povo de Jerusalém, quando Jesus de Nazaré visitava, pela última vez, e solenemente, a cidade dos Judeus».

E mais adiante: «É um facto que,

fraquezas... eis o que visavam os enciclopedistas e eis o que fizeram os revolucionários de 1789».

Mais adiante, estabelecendo o paralelismo entre a Revolução Francesa e a Revolução Marxista, de que aquela foi precursora, e esta, consequência, afirmou: A Soberania do Povo sucedeu a Soberania do Proletariado.

Uma frase: Fogo purificador do Capitalismo e dos seus erros, o Comunismo rejeita a religião como ópio do povo, mas nós acreditamos de que há-de, um dia, receber da Igreja aquele halo de amor cristão que lhe falta e que o próprio Capitalismo rejeita.

Outra afirmação: Encruzilhada do Mundo é o choque entre o Capitalismo e o Comunismo, ambos de olhos fixos na Igreja: um, talvez esperando bênçãos, e outro tentando a sua destruição.

A terminar: Triunfadora de todas as perseguições, das quais sai sempre mais divina, ela é eterna como a Verdade do Mistério do Homem-Deus.

A Igreja com Cristo vence as Encruzilhadas do Mundo.

* * *

O Rev. Padre Manuel de Matos, nosso ilustre colaborador e que teve a escuta-lo um selecto e numeroso auditório, foi no final demoradamente aplaudido e muito felicitado.

O Sr. Dr. Valentim de Almeida e Sousa levantou-se, então, para felicitar o orador pela sua magnífica lição e fez algumas considerações a propósito do trabalho apresentado, felicitando também a Direcção da Artística por aquela esplêndida comemoração do seu aniversário.

Fez-se depois a distribuição de prémios a algumas dezenas de alunos das escolas e de um bodo às viúvas dos sócios, assim terminando aquela comemoração.

FIBRA ARTIFICIAL



Agentes-Depositários

WANDSCHNEIDER & C.^a, L.^{da}

R. Cândido dos Reis, 74-2.º

TELEF. Est. 17 PORTO
Comp. 21 404

O Engenheiro-Chefe da Delegação,
Artur Mesquita.

DESPORTO

A "MARATONA" DO FUTEBOL NACIONAL

Vitória, 1—Boavista, 0

A equipa vimaranense ficou definitivamente apurada para a fase final da prova

Está arrumada a classificação da Zona Norte, quanto àqueles Clubes que disputarão a fase-final do torneio. O Vitória, acompanhado pelo Salgueiros e pelo Sporting de Braga, discutirá a subida de Divisão contra o Farense e mais dois Clubes do Sul ainda a determinar.

Praticamente a equipa vimaranense ocupou, durante toda a fase de apuramento, um lugar que lhe garantia a presença na mencionada fase-final. Ao contrário da época passada não houve necessidade de recuperação que serve, muitas vezes, para especular méritos e valores que fundamentalmente não se possuem em tal evidência. Sabemos preferentemente, o que nos aconteceu na época passada—depois de um começo incerto, que alarmou todos os desportistas de Guimarães, o Vitória subiu através da tabela e terminou, em igualdade de pontos com o Boavista, a primeira fase do Nacional. O pior veio depois—o cansaço nervoso e físico eliminou diversas possibilidades à equipa e levou-a a não conquistar o título, quando indiscutivelmente era a melhor em técnica e valores individuais.

Porém este ano tudo correu melhor. Não houve nunca, como já escrevemos, o problema do não apuramento e ainda teremos duas jornadas, onde a equipa pode fazer descansar alguns dos seus componentes, que aparentemente maior esgotamento físico. cremos que será este o critério a seguir pelo Treinador, com o acordo da Direcção do Clube.

O jogo contra o Boavista, que decidia definitivamente a classificação do Vitória, não podia ser encarado com total tranquilidade e, por isso, nos parece justificável certa inconstância na sua exibição, quanto, para mais, o golo tranquilizador custou a aparecer. Porém, toda a segunda parte, foi de domínio dos locais e, talvez este tivesse aparecido mais por força da equipa do Vitória, do que por recuo permeditado do seu adversário, em defesa duma igualdade a zero tentos, ao contrário do que vimos por aí escrito.

Como referência, queremos mencionar um facto:—no final do jogo, uma pessoa bem conhecida, apreciando a exibição do Vitória, disse-nos que o ataque vimaranense jogou pouco e que, entre todos, Bártolo tinha-se exibido muito mal, aliás do contrário do que tem acontecido esta temporada. Era uma opinião, como muitas que se ouvem por aí durante qualquer semana, mas parece-nos que juízos, como o apontado, demonstram a pouca mentalidade da generalidade dos adeptos locais, que não são capazes de entenderem o futebol como jogo, onde a sorte da luta depende muitas vezes de factores que se devem ter sempre em conta.

Não seria mais lógico, que em vez de diminuir certas exibições individuais, se evidenciassem outras, que, pelo seu mérito saltam à vista de toda a gente.—E que não vimos em parte alguma realçar o jogo desenvolvido por Silveira, que neste encontro se exibiu com tal mérito, que se não lhe pode apontar qualquer falha, quer a desarmar, quer a parar as investidas adversárias, quer ainda no sentido construtivo que deu à sua actuação. E tudo isto nos vem à lembrança, pois sendo hoje Silveira o valor mais destacado do conjunto vitoriano, foi também, quando do seu ingresso no Vitória, uma das mais criticadas das aquisições.

Que fique isto, pelo menos como lição, para determinados entendidos...

Resultados gerais da jornada: Vitória, 1-Boavista, 0; Gil Vicente, 3-Tirsenze, 1; Peniche, 1-Salgueiros, 3; Vianense, 4-Marinhense, 1; Leixões, 1-Braga, 2; Chaves, 3-Sanjoanense, 1; e Espinho, 5-U. Coimbra, 1.

A jornada de hoje engloba os seguintes encontros: Salgueiros-Vitória; Gil Vicente-U. Coimbra; Tirsenze-Peniche; Boavista-Vianense; Marinhense-Leixões; Braga-Chaves; e Sanjoanense-Espinho.

O Vitória desloca-se ao Porto para defrontar o primeiro da tabela, num encontro cujo resultado já não in-

teressa quanto à passagem para a fase-final. Por isso nos parece, que os vimaranenses vão fazer descansar alguns dos seus habituais jogadores, fazendo alinhar, em seu lugar, outros que também são capazes de constituírem valores que não alterem sensivelmente o valor real da equipa. Até, por isso, o encontro tem o seu interesse, para se ver até que ponto vai a capacidade desses elementos e, assim, esperamos que neste jogo o Vitória consiga uma exibição à altura da sua capacidade.

L. R.

Campeonato Regional de Reservas

Este torneio era para prosseguir hoje com o jogo Vitória-Gil Vicente, mas os vimaranenses pediram novamente o seu adiamento, para poderem utilizar alguns jogadores que habitualmente alinham nas reservas, no jogo da categoria de honra contra o Salgueiros, o que esperamos tenha sido atendido pela Associação Regional dada a intensão com que é feito.

* * *

Tomou posse, na outra semana passada, o novo Presidente da Associação de Futebol de Braga, que é o Sr. Dr. José do Egipcio Carneiro. Gostamos registamos o facto, pois esperamos que da sua acção resulte melhoria para o obra da nossa Associação Regional, que bem carecida andava de ter, na sua sede, quem a pudesse orientar devidamente. Este apontamento tem a sua razão de ser, pois o próprio novo Presidente sabe, o que aconteceu com a marcação da primeira data para a sua posse, que foi um erro, como costumava dizer o povo, de se lhe tirar o chapéu...

Sobre o encontro de «Solteiros e Casados» no próximo dia 5 de Março

Despertou o maior interesse a notícia aqui dada sobre a realização do novo encontro de «Solteiros e Casados», marcado para a próxima Terça-feira de Carnaval.

A Comissão de Auxílio do Vitória continua a trabalhar na sua organização, estando já quase constituídas as respectivas equipas, que devemos anunciar em definitivo no nosso próximo número. Para já sabemos que, tanto os Casados como os Solteiros, recrutam valores capazes de enriquecerem os seus conjuntos e estudam as tácticas a empregar, estando previstas para os Solteiros, mais ou menos, a *ponta de lança*, e para os Casados, logicamente, a *do ferrolho*...

O estado dos caleiros

É lamentável que da parte de alguns proprietários não tenha havido boa compreensão no cumprimento das intimações que lhes foram feitas pelos serviços camarários relativamente à reparação dos caleiros que estão em fraco estado de conservação.

TEATRO JORDÃO

APRESENTA

HOJE — As 15 e às 21,30 horas

O SUCESSO DO CINEMA NACIONAL PERDEU-SE UM MARIDO

Laura Alves — António Silva Costinha — Virgílio Teixeira
(Espectáculo para maiores de 18 anos)

Terça-feira, 19 As 21,30 horas

ESTÃO A TOPAR?

EDDIE CONSTANTINE
MARIA FRAU

Neste filme de pancadaria sem fim a mais frenética exibição do «Rock and Roll» jamais vista no cinema!
(Espectáculo para maiores de 18 anos)

Quinta-feira, 21 As 21,30 horas

BOM DIA CATARINA

Com a maior cançonista da actualidade CATARINA VALENTE e os melhores dançarinos fantasistas americanos *Nicholas Brothers* numa comédia inesquecível
(Espectáculo para maiores de 13 anos)

Sábado, 23 As 21,30 horas

GLENN FORD e JEANNE CRAIN em

A VIDA OU A MORTE

Um filme violento e de verdadeira classe
(Espectáculo para maiores de 13 anos) (G1)

da cidade

Boletim Elegante

Aniversários natalícios

Fizeram e fazem anos:

Hoje, dia 17, o Sr. José da Rocha Coutinho; no dia 18, as Sr.^{as} D. Ana Leite Machado Gomes, de Guardizela, e D. Maria Amélia da Silva, esposa do nosso amigo Sr. José Ferreira Gomes, e o nosso prezado amigo Sr. José de Freitas Guimarães Júnior; no dia 19, as Sr.^{as} D. Ana Viamonte da Silveira, D. Maria de Lourdes Pinheiro da Costa, esposa do nosso bom amigo Sr. António José da Costa, D. Ana Maria Pereira Mendes Cunha, esposa do nosso prezado amigo e distinto clínico Sr. Dr. Augusto Ferreira da Cunha e D. Maria Ester da Costa Rodrigues Pereira, esposa do nosso bom amigo Sr. Aníbal Dias Pereira, e o nosso prezado amigo Sr. Mário Emílio Rodrigues de Almeida; no dia 20, o Sr. António Lopes de Magalhães e as Sr.^{as} D. Maria Joaquina Ribeiro, de Balazar, e D. Ana Mendes da Silva, esposa do nosso amigo Sr. Manuel Teixeira de Freitas; no dia 21, o nosso querido amigo e virtuoso sacerdote Rev. Padre José Ferreira Leite e o nosso prezado amigo Sr. Alvaro Mendes da Silva; no dia 22, a interessante menina Maria Teresa, filha do nosso amigo Sr. José de Freitas, e os nossos prezados amigos Srs. José da Silva Martinho, das Taipas, Sebastião de Freitas, José Aristião Marques de Campos, conceituado industrial, Tenente Pedro Machado e seus filhos a Sr.^a D. Crisanta Machado e o nosso bom amigo Sr. Aníbal Magalhães Machado; no dia 23, a menina Maria Cândida Lage Baptista, filha do nosso bom amigo Sr. Domingos Cosme Baptista Vieira, e as Sr.^{as} D. Ana Cândida da Cunha Machado, D. Palmira Martins Ferreira Fernandes, esposa do nosso bom amigo Sr. Armindo Maria Fernandes, e D. Maria da Conceição Silva Carvalho, esposa do nosso bom amigo Sr. Manuel Joaquim Pereira de Carvalho; no dia 24, as Sr.^{as} D. Rosalina de Jesus Ribeiro Martins, esposa do nosso bom amigo Sr. Amadeu Soares Portilha, D. Maria Ribeiro Antunes, esposa do nosso bom amigo Sr. Manuel Coelho, de Torres Novas e D. Maria da Conceição Teixeira Alves Pinto, filha do nosso bom amigo Sr. Joaquim Alves Pinto, e os nossos prezados amigos Srs. Gualdino Pereira, João André e Cónego Arlindo Ribeiro da Cunha, ilustre escritor e professor do Seminário de Braga.

Notícias de Guimarães apresentam-lhes os melhores cumprimentos de felicitações.

* * *

Completo no dia 13 do corrente quatro anos, a menina Maria Clara Carneiro de Freitas, filha do nosso amigo Sr. José António de Freitas e de sua esposa a Sr.^a D. Matilde Carneiro de Freitas.

Desejamos-lhe longa vida e muitas felicidades.

* * *

No dia 16 fez anos a Sr.^a D. Bernardina Tavares Pereira da Rocha, nossa conterrânea, esposa do nosso prezado amigo Sr. Sargento Ernesto da Rocha, residente em Espinho, a quem felicitamos.

Nascimento

Teve o seu bom sucesso dando à luz uma criança do sexo masculino a Sr.^a D. Maria Amélia Oliveira Pinto Rodrigues Paredes, esposa do nosso amigo Sr. Gaspar de Freitas Paredes. Mãe e filho estão bem.

Aos pais e aos avós da criança, Sr. Dr. José Pinto Rodrigues, nosso querido amigo e sua esposa, apresentamos muitos parabéns.

Casamento

No Santuário Eucarístico da Penha, consorciaram-se no penúltimo sábado a menina Margarida Beatriz Teixeira de Freitas, filha da Senhora D. Rosa Teixeira e do Senhor Francisco Sampaio Cunha e o Sr. Francisco José Ribeiro Jordão, filho da Sr.^a D. Maria José Ribeiro Jordão e do Sr. Francisco Lage Jordão, tendo assistido à cerimónia diversas pessoas de família dos nupentes e outras das suas mais íntimas relações.

Foram testemunhas por parte da noiva, sua mãe e o Sr. Antero Pereira de Freitas e por parte do noivo, seu pai e sua avó a Senhora D. Maria Joaquina Lage Jordão, tendo presidido ao acto o rev. Padre Luís Sousa de Sá Fonseca.

No final e no Hotel da Penha foi servido um primoroso copo d'água, trocando-se no decorrer do mesmo afectuosos brindes.

Aos noivos desejamos as maiores venturas.

Doentes

Esteve doente, encontrando-se melhor dos seus padecimentos, a Sr.^a D. Beatriz Lopes da Silva Paul, es-

posa do nosso querido amigo Sr. Dr. António Paul.

Sua filha a Sr.^a D. Emília Lopes da Silva Paul, foi há dias operada no Hospital da Ordem da Trindade, onde ainda se encontra internada, sendo satisfatório o seu estado.

—Têm passado bastante incomodadas as Sr.^{as} D. Custódia Ribeiro de Faria Martins e sua irmã D. Maria Ribeiro de Faria.

—Tem passado bastante doente o Sr. Dr. Alberto Elias da Costa.

—Recolheu a uma casa de saúde do Porto o nosso prezado amigo Senhor Martinho de Almada Azenha. A todos os doentes desejamos as mais rápidas melhoras.

Partidas e chegadas

Esteve nesta cidade o nosso prezado amigo Sr. José Mendes Ribeiro Junior.

—Acompanhado de sua esposa encontra-se em Lisboa o nosso prezado amigo Sr. Comendador Alberto Pimenta Machado.

—Com sua esposa esteve no domingo nesta cidade, tendo-nos dado o prazer de sua visita o nosso prezado amigo Sr. João Pedro de Sousa Guise, residente no Porto.

—Partiu para S. Paulo (Brasil) e com alguma demora, no passado dia 12, o nosso estimado amigo Senhor Eduardo Ribeiro Martins, que teve a gentileza de vir apresentar-nos os seus cumprimentos de despedida. Desejamo-lhe feliz viagem e as maiores prosperidades.

—Regressou na semana finda a Moamba (Angola) depois de uma temporada passada entre nós de visita a sua família, o nosso prezado amigo Sr. Simão Martins da Costa, que teve a gentileza de apresentar-nos os seus cumprimentos de despedida. Desejamos-lhe feliz viagem e as maiores prosperidades.

—Esteve entre nós, dando-nos o prazer de sua visita, o nosso velho amigo e distinto colaborador Senhor Domingos Ribeiro.

—Com sua esposa esteve nesta cidade o nosso amigo Sr. Adrião Abílio Saraiva Martins.

Vida Católica

Reunião de Piedade dos Irmãos Terceiros

No templo da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco, realiza-se no próximo dia 24 pelas 16,30, a reunião mensal de piedade dos irmãos terceiros, que constará de conferência por um distinto orador franciscano, coroa seráfica, absolvição, e Bênção do Santíssimo Sacramento.

Roga-se a todos os irmãos, a sua comparência, para alcançarem as indulgências que esta ordem concede a todos os que assistirem.

Septenário de Nossa Senhora das Dores

No mesmo templo principia na próxima sexta-feira dia 21, pelas 17 horas, o septenário em honra de Nossa Senhora das Dores, que precede a festividade que com todo o esplendor, se realizará em Abril, em que será orador o Rev.^o Dr. Mário Branco (franciscano).

Falec. e Sufrágios

D. Maria do Carmo Cardoso do Vale

Na sua residência ao Campo de S. Salvador e contando 64 anos de idade finou-se inesperadamente no domingo ao princípio da tarde e confortada com todos os sacramentos da S. M. Igreja, a Sr.^a D. Maria do Carmo Cardoso do Vale, viúva do saudoso Sr. Arnaldo Cardoso do Vale; mãe da Sr.^a D. Rosa Maria Cardoso do Vale e Silva, casada com o Sr. Martinho da Silva, Ajudante da Secretaria Notarial e do Sr. Manuel Cardoso do Vale, conceituado industrial, casado com a Sr.^a D. Maria Irene Miranda Cardoso do Vale.

O funeral da bondosa Senhora efectuou-se na terça-feira de manhã após as missas de corpo presente e os officios fúnebres que foram entoados por vários sacerdotes na Igreja de Santo António dos Capuchos, para jazigo de Família no cemitério de S. Pedro de Azurém.

Assistiram aos actos fúnebres e tomaram parte no préstito, muitas pessoas de todas as camadas sociais, tendo-se feito representar diversas colectividades.

O cadáver achava-se encerrado em luxuosa urna de mogno sobre a qual foram depositos ramos de formosas flores com sentidas dedicatórias da família.

Aos filhos, nora e genro da extinta apresentamos sentidas condolências.

Missa de aniversário

No próximo domingo, dia 24, às 8 horas, na Igreja da Misericórdia, será rezada uma missa por alma da saudosa Senhora D. Maria Garcia Costa, mãe do Sr. Dr. Manuel José Ferreira da Costa, ilustre professor do Liceu de Coimbra, comemorando mais um aniversário do seu passamento.

Câmara Municipal de Guimarães

Reunião de 8 de Fevereiro de 1957

A Câmara, sob a presidência do Ex.^o Sr. Dr. José Maria Pereira de Castro Ferreira, deliberou:

— Adquirir o prédio e terreno pertencente ao Sr. José Peixoto, integrados na zona do novo Liceu;

— Adquirir o prédio sito no gaveto da Rua de S. Dámaso voltado ao Largo 28 de Maio, para efeito de demolição necessária para a obra da construção da Alameda entre aquele Largo e o da República do Brasil;

— Autorizar e declarar franca, na forma dos anos anteriores, a feira anual de gado que se realiza em S. Torcato no dia 27 do mês corrente;

— Mandar executar a instalação da rede de iluminação pública na freguesia de Ronfe;

— Conceder terrenos no Cemitério Municipal para construção de jazigo e sepultura perpétua a Manuel da Silva Guimarães e Joaquim Pereira Mendes;

— Aprovar os cálculos em betão armado respeitantes à cobertura do quiosque em construção na Avenida D. Afonso Henriques;

— Conceder licenças para obras a: Margarida de Oliveira, Joaquim Francisco José da Silva Guimarães, Bernardino da Silva, Maria Madalena Bourbon Ribeiro Teles, Joaquina de Belém, Artur Fernandes de Freitas, João Lopes Alves, António Mendes, Joaquim Machado Ribeiro Guimarães, Abílio Machado e a Casimiro da Maia;

— Conceder licença de habitação a Adão Correia Mesquita Gomes

para o prédio que possui no lugar de Ribeiro Pinto, da freguesia de Polvoreira;

— Indeferir o pedido de licença de António de Carvalho, de S. Torcato, para construir casas de rés-do-chão no lugar da Boavista, da freguesia de Mesão Frio;

— Adjudicar o fornecimento de material destinado à ligação à rede de abastecimento de água das retretes públicas a Amadeu C. Penefort & Filhos;

— Adjudicar os trabalhos de reparação das instalações sanitárias da escola de Nespereira a Gaspar Pinto Carreira;

— Adjudicar a J. Montenegro o fornecimento e assentamento de um quadro eléctrico no edifício dos Paços do Concelho;

— Adjudicar a empreitada da «rede de esgotos na Rua de Arceia» pela importância de 185.422\$00, a Alfredo Pinto Ribeiro;

— Conceder à Junta de Freguesia de Serzedo um subsídio para arranjo do caminho que vai do lugar do Ribeiro Velho ao lugar das Agradas;

— Conceder autorização à firma Leite & Oliveira, Ltd., para colocar postes ao longo da estrada Municipal de Caudoso — S. Tiago, desde o lugar do Hotel ao da Igreja, permitindo o estabelecimento da rede a título precário;

— Aprovar em definitivo o primeiro orçamento suplementar ao orçamento ordinário deste Município para o corrente ano;

— Autorizar pagamentos no montante de 163.607\$20.

Conselho Municipal Carreiras de Camionetas

Para discussão e votação do Relatório da Gerência Municipal respeitante ao ano económico de 1956 reuniu no dia 12 o Conselho Municipal sob a presidência do Sr. Dr. José Maria Pereira de Castro Ferreira.

Depois de devidamente apreciado e discutido o Relatório, o Conselho deliberou aprová-lo por aclamação, congratulando-se com a acção criteriosa desenvolvida pelo Presidente da Câmara, tendo sido posta em evidência a sua dedicação e a esmerada e dedicada colaboração do Vice-Presidente Sr. Eng.^o António Rodrigo de Araújo Pinheiro, dos Vereadores, do Chefe da Secretaria e funcionários da Secretaria e da Reparação de Obras e bem assim do Director Delegado e pessoal dos Serviços Municipalizados.

O Conselho Municipal aprovou também duas deliberações da Câmara, sendo uma respeitante ao aumento de vencimento de um assalariado dos Serviços Técnicos e outra respeitante à permuta de terrenos relacionados com a obra de rectificação da estrada de Pevidém a Goidar.

A propósito de um comentário feito na sua carta pelo nosso correspondente de Guardizela, recebemos, com pedido de publicação, a seguinte carta da Empresa João Ferreira das Neves & F.^{as}, Ltd., desta cidade:

Guimarães, 13 de Fevereiro de 1957. — Ex.^o Sr. Director do *Notícias de Guimarães* — Guimarães. — Pedimos a publicação da presente, em resposta à local de «Guardizela—Notícias boas e notícias más», inserida no número de 10 do corrente.

Carece de fundamento, e «consta também» acerca da supressão da carreira de camionetas que parte de Lordelo às 6,55, porquanto continuará a efectuar-se, nada fazendo prever o contrário.

Agradecemos os leitores. (a) João Ferreira das Neves & F.^{as}, Ltd.

Beneficência do Notícias

Transporte	120\$00
Recebemos mais:	
Para um pobre chefe de Família a favor do qual fizemos um apelo: Manuel Ramos	50\$00
Para os nossos pobres: Semião Martins da Costa	100\$00
A transportar	270\$00

Ainda as Bodas de Prata do nosso Jornal

Referiram-se ultimamente à passagem do 25.º aniversário do nosso jornal, dirigindo-nos a propósito palavras que nos cumpre agradecer, os nossos ilustres colegas *A Ordem*, do Porto e *O Povo de Fafe*, de Fafe.

Pensão

Pessoa recém-chegada a esta cidade precisa de pensão em casa particular com tratamento familiar. Tratar na Secretaria do Liceu.

DE LUTO

Pelo falecimento de sua irmã, ocorrido há dias em Caminha, aguarda luto o nosso prezado amigo e ilustre advogado Sr. Dr. Mariano Felgueiras, a quem apresentamos sentidas condolências.

Missa do 30.º dia

Hoje, às 9 horas, no templo de Nossa Senhora da Oliveira, será rezada missa do 30.º dia por alma do saudoso Alfredo Mateus de Ferreira da Silva, mandada celebrar pela família.

Imposto de Trabalho

A partir do dia 1 de Março está em pagamento na Tesouraria Municipal o Imposto de Prestação de Trabalho.

Passado o referido mês e ainda durante 60 dias poderá ser pago com juros de mora.

Ainda as tarifas de energia eléctrica Ofertas e Procuras

ESCLARECENDO UM «NOVO ESCLARECIMENTO»

... Senhor Director do *Notícias de Guimarães*:

No número de 20 de Janeiro do seu distinto e muito apreciado jornal, outra vez a firma Jordão fez inserir um «Esclarecimento», a que chama «Novo», pretendendo ela, *com tal novidade, não esclarecer*, mas sim destruir as afirmações produzidas no número de 30 de Dezembro passado, pelo gerente da Cooperativa «A Eléctrica de Moreira de Cónegos», para reafirmar que os seus preços é que continuam a ser os mais baixos do Concelho.

O método, tão de sua feição e muito usado pela firma, também não é novo; faz parte dos velhos processos sofisticados a que recorre sempre que se vê envolvida em situações difíceis e embaraçosas como a que agora se lhe depára, em frente da incontestável modicidade dos nossos preços e de toda a nossa modelar organização cooperativista, cujas vantagens económico-sociais não precisamos de exaltar, porque nem sequer admitem confronto com qualquer outro género de sociedade exploradora de negócios.

Os sócios da «Eléctrica de Moreira de Cónegos» rejubilam pelo grau de prosperidade e resultados económicos verificados na sua Cooperativa, devidos, em grande parte ao zelo e carinhos que poem na sua vida e actividade, e também a diligentes administrações só votadas ao interesse de todos, ao bem comum.

E foi por a vida da sociedade deslizar serenamente neste ambiente de bom entendimento, confiança recíproca e ajuda de todos, que se pôde realizar, a partir do ano de 1952, grandes melhoramentos técnicos e económicos, na Cabine de transformação, nos Cabos condutores, na substituição de todos os postes de madeira por outros de cimento armado, nas substanciais decidas de preços da energia a favor de todos os sócios, e ainda na eliminação de todos os restantes encargos com que a firma Jordão sobrecarrega, extra tarifas, os seus consumidores.

Estamos, desde então, a praticar preços verdadeiramente degressivos na área desta freguesia, uma das maiores e mais densas do concelho de Guimarães, e cuja população, oitenta por cento operária, empregada na indústria têxtil em crise, e a restante percentagem, na quase totalidade jornalheiros e pequenos proprietários, entregues ao árduo e muito pouco remunerado labor das terras, se encontra satisfeita. Não poderemos, pois, admitir sem protesto, nem nos conformaremos jamais que nos arrebatem a nossa Cooperativa, a organização que nos pertence cem por cento, porque a Câmara nunca nos auxiliou em tal empreendimento. Era justo, salvo o devido respeito por melhor opinião, que ela tivesse continuado a esquecer-se de nós, ao menos para não nos causar prejuízos e desgostos insanáveis. E que esta importante obra realizada pertence, quase toda, a esses operários humildes e gente pobre que suportou o sacrifício de preços elevados durante muitos anos, até a vida económica da Cooperativa se firmar solidamente.

Firmou-se!... Começou a dar frutos!... Pedir à Câmara que lhes deixe saborear, é justo, não ofende.

Pomos à disposição da Ex.^{ma} Câmara na pessoa do seu ilustre Presidente, Homem (com

H grande) dinâmico, trabalhador, baírrista, a quem a Cidade e o Concelho já devem relevantes serviços, a nossa organização Cooperativista, para examinar e apreciar as extraordinárias vantagens de que gozam os seus sócios neste meio operário, de baixo nível de vida, e o que será a sua projecção no futuro se nos deixar administrar o que é nosso.

Por mais esforços que faça e poeira que espalhe a firma Jordão, as suas tarifas não podem ser, de forma alguma, aplicadas na área desta freguesia, porque ao seu preço de 2\$20 (dois escudos e vinte centavos), opõe a Cooperativa de Moreira de Cónegos, a nossa Cooperativa, o de 1\$60! (um escudo e sessenta centavos).

Nem o mais hábil prestidigitador, nem o mais inteligente sofista da firma Jordão, poderão convencer que a sua arte ou a sua dialéctica estão certas. No fundo, tudo ilusionismo para esconder as realidades. Esses consumidores pequenos e pobres, pagando a luz ao preço do primeiro escalão, vão cobrir o *déficit* que o segundo e terceiro causam, inevitavelmente, ao fornecedor. E então verificamos este paradoxo angustiante: Os pobres e pequenos a pagar, através de mil sacrifícios, para garantir, aos ricos e grandes, comodidades e conforto baratos e ainda média de preços rendosa para o concessionário!

Para nós é este o absurdo dos mais chocantes e desumanos que as tarifas degressivas encerram, sendo praticadas sem um exame meticoloso de adaptação ao meio.

Estamos a abusar do acolhimento generoso que nos foi concedido no muito apreciado *Notícias de Guimarães* e por isso e para não sermos demasiado extensos, destacamos, para resposta, duas afirmações que, em síntese, são:

- que em 1955, os seus preços eram inferiores aos da Eléctrica.
- que a Eléctrica, procurando evitar o *trespasse* para a firma Jordão, se teve interesse em defender a sua bolsa — que o mesmo é dizer a bolsa da Cooperativa ou a bolsa dos seus sócios consumidores. (*Fantasticamente engraçado o deslize!*)

Respondemos: a) A firma Jordão pretendeu, como é costume, fugir a uma discussão séria, com fins óbvios: baralhar, confundir e fazer fumo para cobrir a retirada; pela razão de que em 1955 ainda não praticava os preços actuais.

b) A afirmação está certa e até nos parece ser esta, a primeira vez, que lhe foge a pena para escrever a verdade.

E realmente para defender a bolsa da Cooperativa «A Eléctrica» ou a dos seus sócios que temos procurado obstar que o *trespasse* se dê, mas ainda não esgotamos os nossos recursos.

E porque o fazemos? É simples: para não pagarmos energia a 2\$20, aluguer de contadores a juro exorbitante, baixadas a preços especulativos, mínimos de consumo mesmo que deles não precisemos, certos de fusíveis, talvez mais caros do que novos, etc., etc.

E por último cumpre-nos informar a sociedade Jordão que ninguém conhece, em Moreira de Cónegos, pessoa alguma ou entidade possuidora de qualquer Comenda, sendo, pois, mera fantasia, a notícia, com certeza para realçar o reclamezinho de que há em Guimarães uma entidade, que tem feito muito, para receber uma. Andam metidos nisto

os actos humanitários... das tarifas degressivas.

E ponto final em discussões estereis.

Muito grato pela publicação de mais estas linhas, subscrevo-me com elevado apreço — De V. Ex.^a, atenciosamente, *Augusto Ferreira da Silva Costa*, gerente da Sociedade Eléctrica de Moreira de Cónegos (S. C. A. R. L.).

Moreira de Cónegos, 7 de Fevereiro de 1957.

UMA CARTA

... Sr. Director do jornal *Notícias de Guimarães*:

... Senhor:

Com os nossos cumprimentos, vimos rogar a V... o favor de publicar no seu conceituado jornal a nossa resposta à Empresa Industrial do Pevidém, Ltd.^a, o que antecipadamente agradecemos.

Diz a Empresa Industrial do Pevidém, Ltd.^a, que não pretendeu estabelecer polémica ou contribuir para interessadas propagandas, ao desmentir a nossa afirmação; mas, se o não pretendia, para que o fez?

Não queira a Empresa fazer por si só a confusão e atribuí-la aos outros, pois se tomou o nosso primeiro esclarecimento, como se tratássemos só das tarifas «Doméstica Geral e Estabelecimentos Comerciais», para que se referiu no seu desmentido à força motriz agrícola, aluguer de contadores e ligações?

Mantemos e já provamos com números que as nossas actuais tarifas ainda são as mais baixas do concelho. Agora aguardamos que a Empresa, como lhe compete, demonstre que os seus consumidores estão a ser beneficiados com as tarifas que adoptam.

Só isto e nadá mais se pretende.

Quanto aos contadores, esqueceu-se a Empresa de que há cerca de três anos negava o fornecimento dos mesmos, como tivemos conhecimento por alguns dos seus consumidores, que aqui nos vieram pedir para *lhos alugarmos*. Julgamos não ser preciso provar esta afirmação com o testemunho de pessoa idónea.

Quanto às ligações, recebemos o que nos é permitido por lei, que facturamos descrevendo, pois nunca tivemos por hábito receber qualquer importância oculta, fosse a que título fosse.

Agora vem dizer que é problema complexo demais para ser apreciado aqui. Mas se assim o reconhece para que pretendeu desmentir a nossa afirmação, se, como depreendemos, não está dentro do assunto?

Evidentemente que *«importa sobretudo acautelar que se não use do sistema de tarifas degressivas com fraude ao sentir Social que o deve animar»* — mas isso não está, cremos, em discussão, nem estamos habituado a fazê-lo; a entidade que aprovou as novas tarifas é, por si, garantia bastante.

Não sabemos a que a Empresa chama grandes consumidores:

Aos ricos? Em tarifas degressivas com escalões estabelecidos em relação ao número de divisões das casas, acontece consumir proporcionalmente mais no 3.º escalão um consumidor pobre ou remediado, que um rico com casa grande, e assim, com maior quantidade de quilovátios no 1.º escalão.

A Empresa pensa o contrário, mas ainda não chegou a demonstrá-lo e, por isso, continuamos à sua disposição para lhe provarmos que a aplicação

Vendem-se duas propriedades, servidas por estrada, em Moreira de Rei — Fafe: a do Assento (junto à Igreja) e a do Outrelo (Marinhão). Tratar com João Marinho Novais, em Carvalho — Celorico de Basto. 67

Loja com Cave Aluga-se no Largo 1.º de Maio, n.º 15 a 21. Falar com Jacinto Arantes Gonçalves, na Rna Dr. Alfredo Pimenta. 718

Vende-se PRÉDIOS. Um de 3 andares, estando estes devolutos, tendo só o rés do chão arrendado; outro de 2 andares, com quintal, estando todo arrendado, podendo-se entregar o 2.º andar no caso de interessar ao comprador; um outro prédio pequeno, estando arrendado. Todos os prédios estão dentro da cidade. Informa-se nesta redacção. 39

CASA Compra-se na área da cidade. Informa-se nesta redacção. 84

340 CONTOS

Preciso por hipoteca sobre propriedades rústicas em localidade a 15 km. de Fafe dispersas, e valendo mais de 800 contos.

Carta do interessado à Administração deste jornal, ao n.º 1957—F. 86

CASA COSTA

CHÁ E CAFÉ

MERCEARIA FINA

LARGO 28 DE MAIO, 51 (Frente ao Jardim Público)

Telef. P. F. 4229 — GUIMARÃES

Abriu ao público em 2 de corrente esta nova casa 79

ALVA ACTIVA

A PASTA DENTÍFRICA que oferece agora aos seus consumidores um sensacional seguro grátis contra acidentes pessoais no valor de 5.000\$00 por cada tubo gigante adquirido.

Tubo gigante, 20\$00.

A venda nas farmácias e drograrias (62)

Agente no concelho de Guimarães:

M. Martins

C. Amarelas GUIMARÃES

das nossas actuais tarifas a sua área, é vantajosa para a maioria dos seus consumidores, bastando para isso que nos forneça os elementos pedidos e indispensáveis.

Pode a Empresa dizer que escrevemos com ligeireza, mas o que não pode é desmentir-nos, nem tão pouco negar que elucidamos o público com verdade, visto ser ela que não apresenta números concludentes.

Esperamos que a Empresa nos prove quando é que andamos enredados em enganos e confusões.

E feio julgar os outros por si.

Argumente a Empresa como quiser e puder para convencer os seus consumidores, pois outro tanto não acontece com quem beneficia das tarifas degressivas, nem com as entidades oficiais que superintendem no assunto.

O resto não é falar... para não estar calado, é conversa...

Desconhecemos a razão por que alguém chamou à estatística «A forma mais perversa da mentira»... Certamente porque esse alguém ao fornecer os elementos nunca usou da verdade.

Mal vai à Empresa se perfilha tal ideia, pois não contribuirá assim grande coisa para firmar «As claras realidades que apregoa».

Repetindo os nossos agradecimentos, subscrevemo-nos com a máxima consideração e estima, — De V... At.ºs, Venrs. e Obg.ºs, Bernardino Jordão, Filhos & C.^a, Ltd.^a

CHÁS MEDICINAIS "HERBIS"

Usados na Alemanha há cerca de 50 anos

HERBIS N.º 1 Dissolvente do ácido úrico	HERBIS N.º 4 Azia e más digestões	HERBIS N.º 8 Fígado e vesícula
HERBIS N.º 2 Regularizador da Circulação	HERBIS N.º 5 Contra bronquites	HERBIS N.º 9 Contra o hemorroidal
HERBIS N.º 3 Depurativo do sangue	HERBIS N.º 6 Nervos e insónias	HERBIS N.º 10 Tónico do coração
	HERBIS N.º 7 Rins e bexiga	HERBIS N.º 11 Laxativo suave

PACOTES DE 100 GRAMAS

Preparados exclusivamente com plantas medicinais segundo fórmulas do Dr. E. Richter, de Munich 98

Lãs Tricolana — O MAIOR NOME EM LÃS

AGÊNCIA: Av. Conde Margaride (Malhas «Rafe»)

TELEFONE 40305 — GUIMARÃES

Temos a maior e mais variada colecção de Lãs para Tricot e Indústria, recebida dos principais centros mundiais da especialidade.

VENDEMOS A PESO 76
QUALQUER QUANTIDADE

Dr. José Maria Domingues dos Santos

Advogado 15

ESCRITÓRIO: Avenida Conde de Margaride — GUIMARÃES

Bernardino Jordão, Filhos & C.^a, L.^{da}

Apresenta em exposição no seu estabelecimento ao Largo 28 de Maio, os novos modelos de frigoríficos FRIGIDAIRE de 1957.

A Frigidaire QUEBROU as tradicionais linhas dos frigoríficos! 87

FRIGIDAIRE, o frigorífico do futuro!

Antes de Viajar...

... consulte sempre a «Intercontinental» — e «poupará tempo, arrelias e dinheiro»!
A «Intercontinental» reúne secções especializadas de: Passagens de avião, navio e comboio, em qualquer companhia e para qualquer destino; Passaportes individuais e colectivos; Vistos consulares; Organização de excursões dentro e fora do país; Seguros e fotocópias; Moedas e notas de qualquer país; Papéis de crédito e cupões.

Agência de Viagens «INTERCONTINENTAL»

8, Rua Ramalho Ortigão — Telef. 20235 e 30011 — PORTO (Ao cima da Av. dos Allados) 528

Para BOBINAGENS de:

MOTORES 9
DÍNAMOS
AUTOMÁTICOS
RESISTÊNCIAS, etc., consultem

J. MONTENEGRO — Largo 28 de Maio, 78-1.º — Tel. 4510

QUE BOM!
QUE SABOROSO!

o melhor café é o da

BRASILEIRA

BANCO BORGES & IRMÃO Santa Casa da Misericórdia de Guimarães

S. A. R. L.
PORTO

RELATÓRIO E CONTAS DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO
E PARECER DO CONSELHO FISCAL

GERÊNCIA DE 1956

SENHORES ACCIONISTAS:

Cumprindo o que preceituam a Lei e o nosso Estatuto, vimos submeter à vossa apreciação e voto o Balanço, Contas e Relatório, referentes ao exercício de 1956.

O aumento verificado nas principais rubricas do Balanço dá-nos a medida do contínuo progresso do Banco e exprime, no seu conjunto, o grande desenvolvimento das operações em todos os seus sectores.

Devemos, certamente, atribuir estes resultados satisfatórios à simpatia e confiança de que a nossa Instituição goza em todos os meios nacionais e estrangeiros.

Os porfiados e perseverantes esforços de todos os que conosco cooperam, concorreram também, sem dúvida, para o êxito da nossa missão.

Sempre atentos aos legítimos interesses e necessidades da Economia Nacional, foi-nos permitido, mercê do acréscimo dos Depósitos, dar um maior apoio, nas suas diversas modalidades, às actividades económicas do País, acção esta, aliás, sempre subordinada à indispensável prudência que é de tradição presidir à gestão dos negócios do Banco.

As transacções do comércio exterior tiveram no conjunto do movimento do Banco um lugar de destaque. A esse importante sector dedicamos a nossa especial atenção, tendo-se conseguido uma maior amplitude de relações com os nossos Correspondentes e Amigos do estrangeiro, que nos trouxe uma mais intensa e proveitosa reciprocidade de negócios.

Durante o ano, importantes Empresas ofereceram ao Público as suas emissões de acções e obrigações, e a todas elas, o nosso Banco, através dos seus serviços especializados, prestou o seu concurso para a sua colocação e desvaneceu-se ter verificado que um elevado número de subscritores deu a preferência, para o efeito, ao nosso Banco.

De acordo com a nossa política de expansão, tivemos ensejo de abrir a Agência em Gondomar, conforme havíamos referido no nosso Relatório anterior. Procedemos ainda à abertura de uma Dependência no Porto, na zona do Carvalhido, e de uma outra em Lisboa, na Praça dos Estado Unidos da América.

Tendo-nos sido concedida autorização para a instalação de uma Dependência na zona da Foz do Douro, esperamos ver realizada, em breve, mais esta iniciativa que muitas vantagens e facilidades proporcionará ao grande número de Clientes nossos, que ali residem.

No decorrer deste exercício um acontecimento doloroso privou-nos da colaboração do nosso colega Dr. José Adelino Azeredo Sá Fernandes, pois o seu falecimento ocorreu no mês de Novembro. Inteligente e culto, dotado de grandes qualidades de trabalho, a sua morte foi muito sentida por todos os seus colegas, que muito o estimavam.

A sua memória rendemos aqui as nossas sentidas homenagens.

Aos dignos Membros do Conselho Fiscal, cuja valiosa colaboração muito nos auxiliou na nossa tarefa, expressamos o nosso reconhecimento.

Testemunhamos também os nossos agradecimentos, pelo cuidado e zelo demonstrado, aos Senhores Secretário da Administração, Directores, Subdirectores, Gerentes, Procuradores e mais funcionários do Banco.

Ao saldo da conta de Ganhos e Perdas, no montante de Esc. 12.208.543\$60, propomos a seguinte aplicação:

Para Fundo de Reserva	1.500.000\$00
» Reserva Variável	6.000.000\$00
» Cumprimento do N.º 2.º do Artigo 24.º dos Estatutos	1.536.262\$00
» Dividendo (Cativo de Impostos)	3.000.000\$00
» Conta Nova	172.281\$60

Porto, 14 de Janeiro de 1957.

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO:

Júlio Anahory do Quental Calheiros
(CONDE DA COVILHÃ)
Delfim da Silva Fernandes Vinagre
José Nunes da Fonseca
Francisco Manuel Fernandes Borges
Daniel Maria Vieira Barbosa
José da Silva Braga.

Balanço em 31 de Dezembro de 1956

ACTIVO		PASSIVO	
Caixa:		Capital	75.000.000\$00
Dinheiro em cofre	97.995.933\$33	Fundo de Reserva	20.500.000\$00
Nossos depósitos		Reserva Variável	16.000.000\$00
noutros Bancos	178.642.157\$97	Depósitos à Ordem	953.562.460\$42
	276.638.091\$30	Depósitos a Prazo	372.888.235\$61
Correspondentes no Estrangeiro	92.210.157\$77	Credores Diversos	292.798.950\$48
Dinheiro Estrangeiro e Letras s/o Estrangeiro	5.258.877\$85	Letras a Pagar	12.325.243\$76
Carteira de Letras	831.988.014\$56	Corpos Gerentes (Cauções)	850.000\$00
Fundos Flutuantes	127.664.980\$00	Contas de Ordem	532.592.642\$73
Agências e Correspondências no País	59.829.950\$01	Ganhos e Perdas	12.208.543\$60
Devedores Diversos	129.872.238\$10		
Empréstimos e C/ Correntes com Caução	198.725.724\$28		
Propriedades (de Rendimento)	32.445.200\$00		
Edifícios da Sede e Agências	100\$00		
Instalações	100\$00		
Ministério das Finanças (Decretos n.º 8.442 e 8.748)	650.000\$00		
Cauções dos Corpos Gerentes	850.000\$00		
Contas de Ordem	532.592.642\$73		
	2.288.726.076\$60		2.288.726.076\$60

Porto, 14 de Janeiro de 1957.

O CHEFE DA CONTABILIDADE:

Mário de Barros Freire.

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO:

Júlio Anahory do Quental Calheiros
(CONDE DA COVILHÃ)
Delfim da Silva Fernandes Vinagre
José Nunes da Fonseca
Francisco Manuel Fernandes Borges
Daniel Maria Vieira Barbosa
José da Silva Braga.

GANHOS E PERDAS

Comissões, juros, transferências, etc.	19.792.099\$89	Saldo de 1955	391.143\$60
Contribuições pagas e Despesas Gerais	27.290.508\$74	Lucros apurados em diversas contas	58.900.008\$63
Saldo	12.208.543\$60		
	59.291.152\$23		59.291.152\$23

FUNDOS FLUTUANTES EM 31 DE DEZEMBRO DE 1956

58.940 Obrigações do Tesouro 2 1/2 %	57.171.800\$00
1.000 Obrigações do Tesouro 3 %	1.000.000\$00
21.100 Obrigações do Tesouro 3 1/2 %	21.100.000\$00
3.890 Obrigações Consolidado Português 4 %, 1940 (Centenários)	7.780.000\$00
600 Obrigações dos Transportes Aéreos Portugueses 4 %	600.000\$00
1.000 Acções do Banco de Portugal	1.200.000\$00
10.000 Acções da Manufactura Nacional de Borracha (Mahor)	10.000.000\$00
4.360 Acções da Hidro-Eléctrica do Cávado	5.450.000\$00
817 Acções da Hidro-Eléctrica do Douro	1.062.100\$00
320 Acções da Empresa Fabril do Norte (Senhora da Hora)	320.000\$00
9.000 Acções da The Lisbon Electric Tramways Limited (Ord)	720.000\$00
15.000 Acções da C.ª Portuguesa de Pesca	12.750.000\$00
7.500 Acções da C.ª Hidro-Eléctrica do Norte de Portugal	1.500.000\$00
113 Acções da C.ª Agrícola e Com. dos Vinhos do Porto (Ferreinha)	226.000\$00
326 Acções da C.ª Aurifícia	1.304.000\$00
400 Acções da C.ª de Fiação e Tecidos de Guimarães	280.000\$00
103 Acções da C.ª de Fiação e Tecidos de Fafe	1.442.000\$00
5 Acções da C.ª Geral da Agricultura das Vinhas do Alto Douro	15.000\$00
1.334 Acções das C.ª Reunidas de Gás e Electricidade de Lisboa	160.000\$00
1.500 Acções dos Transportes Aéreos Portugueses	1.500.000\$00
£ 22.000 Nom. Emp. Britânico Savings Bonds 3 %, 1965/75	1.100.000\$00
£ 10.400 Nom. Emp. Britânico Funding Loan 4 %, 1960/90	624.000\$00
£ 12.000 Nom. Emp. Uruguai 3 1/2 %, 1891	360.000\$00
Esc.	127.664.980\$00

Sessão de Mesa de 18 de Janeiro de 1957

Sob a presidência do Ex.º Provedor, Senhor Mário de Sousa Meneses, reuniu a Mesa Administrativa da Santa Casa da Misericórdia.

Foi lida a acta da posse da Mesa eleita e a da sessão anterior, que foram aprovadas.

Aberta a sessão, foi tomado conhecimento do seguinte expediente:

— Ofício da Direcção Geral da Assistência a pedir esclarecimentos sobre a construção dum bairro de casas para pobres na vila de Vizela, em virtude das informações da Santa Casa da Misericórdia daquela Vila. Sobre o assunto, a Mesa resolveu informar.

— Ofício da Direcção Geral da Assistência a pedir a cópia da acta da sessão da Mesa onde foi resolvido introduzir modificações no quadro do pessoal desta Misericórdia. O Ex.º Provedor informou que já deu cumprimento ao solicitado neste ofício.

— Ofício da mesma Direcção Geral a comunicar que foi concedido a esta Instituição o subsídio eventual de 40.000\$00. O Ex.º Provedor informou que já agradeceu ao Senhor Subsecretário este subsídio, pedindo-lhe não esquecesse o mais que lhe recomendou.

— Ofício do Senhor Governador Civil do Distrito a fazer idêntica comunicação sobre a concessão daquele subsídio.

— Pelo Ex.º Provedor foi lida uma carta do Senhor Dr. António Paúl a comunicar que deseja doar um terreno à Misericórdia na freguesia de Creixomil. A Mesa deliberou testemunhar-lhe o seu reconhecimento por este acto de generosidade e passar procuração ao Sr. Dr. António Emílio de Magalhães, para outorgar na respectiva escritura de doação.

— Ofício do Tribunal de Contas a informar a Mesa de que foi dado o acordão de quitação das contas de 1955.

— A Mesa tomou conhecimento de orçamentos apresentados para o aquecimento de duas enfermarias, o que ficou para estudo.

— O Mesário Sr. Dr. Júlio Soares Leite apresentou a seguinte proposta, que foi aprovada: — «Atendendo aos encargos crescentes e incomportáveis das despesas de Farmácia, que se agravam dia a dia, com prejuízo dos restantes serviços deste Hospital; atendendo a que os Hospitais são casas de caridade destinadas a servir os que precisam na maioria possível, não podendo portanto fornecer medicamentos de preço incomportável e luxo inadequado às Misericórdias; e atendendo ainda que o nosso lema deve ser servir bem, o melhor possível com os poucos recursos

da receita arrecadada, proponho:

1.º — Que o receituário aviado na Farmácia deste Hospital continue com as mesmas percentagens de desconto desde que os medicamentos a fornecer aos doentes constem do formulário existente e da tabela de especialidades organizada pela Mesa desta Santa Casa.

2.º — Que os medicamentos que não constem do respectivo formulário e tabela só sejam fornecidos com o desconto de 20 % do preço da especialidade.

3.º — Que a tabela de preços das especialidades das enfermarias seja mais ampla e que como até aqui os doentes internados nas referidas enfermarias tenham direito a medicação gratuita.

4.º — Para casos especiais o mesário respectivo dará o seu parecer».

Em seguida tomou as seguintes deliberações:

— Indicar os Srs. Drs. Francisco J. de Freitas Pereira e João Af. Brandão de Almeida, para prestarem serviço no Dispensário Mater - Infantil, respectivamente, para as consultas de Pré-Natal e Puericultura e Pediatria e exarar na acta o seguinte: — A Misericórdia de Guimarães felicita-se pela criação nesta cidade do Dispensário Materno-Infantil e congratula-se pelo carinho e boa vontade que o Senhor Dr. José Alberto Cruz sempre dispensou à criação do referido Dispensário.

— Receber propostas, até ao dia 15 do próximo mês de Fevereiro, para o aluguer da casa situada no Largo 1.º de Maio e Rua João de Melo.

— Exarar na acta votos de pesar pelo falecimento dos Irmãos, senhores José Maria de Oliveira Júnior, Simão da Costa e António Antunes da Cunha.

— Registrar, com muito reconhecimento, o donativo de 20 colmeiros de palha, do Sr. António de Araújo, de Costeado.

— Aprovar o Balancete do Cofre, apresentado pelo Senhor Tesoureiro e verificar o cumprimento de todos os legados.

— Finalmente, foram presentes 5 propostas para admissão de Irmãos e tratados vários assuntos de interesse para a Instituição.

Sessão de Mesa de 1 de Fevereiro de 1957

Sob a Presidência do Ex.º Provedor, Senhor Mário de Sousa Meneses, reuniu a Mesa Administrativa da Santa Casa da Misericórdia.

Aberta a sessão, foi lida, aprovada e assinada a acta da sessão anterior.

A Mesa tomou conhecimento do seguinte expediente:

— Ofício da Direcção Geral da Assistência a comunicar que, por despacho de Sua

Ex.ª o Senhor Subsecretário de Estado da Assistência Social, de 22 do mês findo, foi fixado em 350.000\$00 o subsídio ordinário atribuído a esta Misericórdia e conforme no mesmo ofício se declara, está em activo estudo a remodelação do sistema de financiamento da assistência hospitalar. A Mesa resolveu agradecer a Sua Ex.ª o Senhor Subsecretário de Estado da Assistência o aumento do subsídio ordinário e congratulou-se com a informação respeitante à remodelação do actual sistema de auxílio às Misericórdias.

— Ofício da Intendência Geral dos Abastecimentos, acompanhado de um impresso para ser devidamente preenchido e referente ao fornecimento de géneros alimentícios. Foi resolvido dar cumprimento ao referido assunto, ficando encarregado de o fazer o Mesário encarregado desse pelouro.

DELIBERAÇÕES

— Autorizar o Sr. João Aires de Sousa Pereira Guimarães a entender-se com o Sr. Advogado no sentido de se proceder à liquidação da herança de José Salgado Guimarães, dentro do mais curto prazo de tempo, em virtude de haver credores que reclamam com insistência os seus créditos.

— Foi aprovado o Balancete do Cofre, apresentado pelo Sr. Tesoureiro e verificado o cumprimento de todos os legados.

— Foram ainda tratados vários assuntos de interesse para esta Instituição.

GAZETILHA

NA «AMOROSA...»

Mais um que foi à valeta e a vítima, desta vez, usava a cor branca e preta, mas em forma de xadrez...

Boa... vista, mas cerrada, fez seu jogo de «ferrolhos» e, com a vista colada, levou tempo a abrir-lhe... o olho...

Pregou-lhe o golpe certo, de muitos nervos... e susto, mas que terminou jeitosa, embora com grande custo...

Foi cirurgia morosa, de muitos nervos... e susto, mas que terminou jeitosa, embora com grande custo...

No final da operação, aos oitenta e tal minutos, colheram quente ovação os enfermeiros argutos...

Com dois pontos... naturais a ferida se tapou... Não se pisando no mais, porque a linha... se quebrou...

Também não houve alegres nalguns meninos de perto, que deitaram foguetes se o «trambolhão»... fosse certo...

E porque assim foi a peça, deram-se as «tripas»... insossas... — Mas, amiguinhos do Bessa, lá irei malhar nas vossas!...

ORTIGAO.

PARECER DO CONSELHO FISCAL

SENHORES ACCIONISTAS:

Em cumprimento das funções que nos são atribuídas e em obediência à Lei, examinámos periódicamente a escrituração do vosso Banco e os valores que compõem o seu Activo, e bem assim o Relatório, Balanço e Contas do exercício de 1956 e pudemos verificar a sua correcção e exactidão.

A acção do Conselho de Administração merece todo o elogio pela orientação criteriosa que imprimiu a todos os seus actos administrativos, da qual resultou um acentuado desenvolvimento das operações e um apoio mais eficiente ao Comércio e à Indústria, sem exclusão da prudência que costuma ser sempre observada.

É com o mais profundo pesar que nos associamos às palavras dedicadas pelo Conselho de Administração à memória do falecido Administrador Ex.º Sr. Dr. José Adelino Azeredo Sá Fernandes, cuja personalidade se impôs pelos méritos e capacidade de trabalho demonstrados no desempenho do seu cargo.

Cumpre-nos agradecer as amáveis referências que nos são feitas pelo Conselho de Administração e com

a maior satisfação acompanhamos as palavras de reconhecimento consignadas aos seus colaboradores pela sua valiosa cooperação.

E, assim, o vosso Conselho Fiscal tem a honra de vos propor:

a) — Que aproveis o Balanço e Contas do Conselho de Administração e deis ao saldo da conta de Ganhos e Perdas a aplicação que ele vos sugere;

b) — Que louveis o mesmo Conselho pela competência, actividade e segura visão, que têm orientado a sua acção administrativa.

O CONSELHO FISCAL:

Porto, 15 de Janeiro de 1957.

Manuel Pinto d'Azevedo
José Gualberto de Sá Carneiro
Armando Marques Guedes (relator)

(80)